



Arte original: Glauca Nagem – “Falatório 2” / Concepção e arte do cartaz: Maurício Simões / Web Designer: Ilana Chaia Finger

Prelúdio 2

Uma prática sem valor

Sara Rodowicz-Ślusarczyk

Quando Lacan nos convida a pensar a ética da psicanálise no Seminário VII, ele começa por nada menos que um exame minucioso da ética enquanto tal. Não para refutar seus conceitos, mas para estudar suas implicações e consequências. Desde as suas observações preliminares, ele indica claramente que, para conceber uma ética própria à nossa prática, será preciso que tomemos uma via tão paradoxal quanto radical. E os termos que encontramos, no caminho, são equivocáveis – como parece, aliás a afirmação muito posterior de Lacan: “Uma prática sem valor, eis o que nós temos que instituir”¹. Não é por acaso que esta conclusão emerge através da comparação de nosso dizer, o dizer da interpretação, com a estrutura do chiste.

Um dos primeiros termos com equivocidade, salientado por Lacan, é antigo: aquele mesmo que Aristóteles já havia levantado, ἔθος [éthos] – ἦθος [êthos]². Uma ética não é um ethos – um hábito. Ou, ainda, segundo os dicionários contemporâneos: o espírito de uma cultura que se manifesta nas atitudes, os comportamentos, as aspirações e os hábitos. Uma distinção que nos convida a refletir ao que significa, hoje, “estar à altura da subjetividade da nossa época” para a ética do psicanalista. A

¹ J. Lacan, *Seminário Livro 24 L’insu que sait de l’une-bévue s’aile à mourre*, inédito, lição de 19/04/1977.

² J. Lacan, *Seminário Livro 7 A Ética da Psicanálise*. RJ: Zahar, 2008, p 15-16, lição de 18/11/1959.

ética da psicanálise consiste em deixar de lado toda noção de hábito, bom ou mau³, para estudar o hábito enquanto tal – se, sob essa palavra, nós procuramos o real do sintoma e da repetição.

Aqui está a radicalidade do caminho que se abre para nós: buscar a origem de toda ética, sua causa. A primeira causa de toda ética é, portanto, a causa subjetiva: a Coisa, ou “o que do real padece do significante”⁴ cujo sujeito é o efeito. Desde a entrada na linguagem, através dos efeitos implacáveis e bem paradoxais da demanda, esta causa se manifesta. Assim, uma resposta – e não a solução – é o verdadeiro domínio da ética. Mesmo que seja forçada, a escolha marca uma posição face à falta: a do irrepresentável do gozo e do ser. É o fundamento de cada ética de um sujeito, uma resposta que se furta no fantasma e no delírio. Em que medida a ética da psicanálise – em vez de uma axiologia – pode intervir nessas respostas fundamentais, se o próprio fantasma funciona como o axioma do sujeito? Essas éticas singulares seriam também as “outras” evocadas no nosso tema? É uma questão a ser pensada. No entanto, a ética subjetiva não pode ser reduzida a uma “insondável decisão do ser”, nem deduzida diretamente da estrutura clínica sem nos fazer cair na paixão segregativa do diagnóstico.

Uma ética reduzida ao silêncio, como sublinha Sandra Berta, é o local dessa resposta que cada análise reinventa. Mas, para o analista, não basta contentar-se em ficar silencioso – não esqueçamos que o supereu prospera como discurso sem palavras⁵. O silêncio operatório de que se trata, aquele que questiona, que corta, esvazia o espaço dos valores como fins: a fim de apontar para a causa, a castração. A este propósito, podemos pensar a observação posterior de Lacan: “a ética é da ordem do gesto”. Um gesto deve ser feito, uma marca de reconhecimento significativa. E Lacan acrescenta: “Fazemos um gesto e depois conduzimos como todo mundo, ou seja, como o resto dos canalhas”⁶. Um lembrete importante de que a ética não é nem um ideal de comportamento nem a consistência de uma posição moral que faria do analista um Alguém.

Instaurar uma prática sem valor é um desafio, pois a prática pode facilmente desviar-se. Não se trata somente evitar uma reeducação terapêutica. Se trata também de resistir ao uso da teoria psicanalítica para produzir ideais, os que reintroduziria a axiologia que a própria ética psicanalítica recusa.

A ideia de que “a ética da psicanálise é a práxis da sua teoria”⁷ pode, por si mesma, inspirar esse desvio. A sexualidade parece particularmente propícia a isso – quem nunca ouviu falar da promoção da dita posição feminina contra aquela da histérica? Quanto ao analista, aquele que “paga com seu juízo mais íntimo”⁸ poderá ele se distanciar desse julgamento nos seus ideias de... sexualidade? Talvez, se pagar não consistir apenas em dar, mas também a consentir em perder. Mas a relação de quem possui a teoria psicanalítica corre o risco de se acoplar a um uso indevido da sua posição. Aquela para a qual a perda do lugar de dizer é bem o que importa⁹.

E, se a “práxis da teoria” significa ao contrário um trabalho de reinvenção constante da teoria por trás de nosso ato, como se abster de impor conceitos teóricos nas nossas intervenções, que nos deixariam surdos ao sujeito? O próprio Freud, pioneiro, cometeu esse erro no início – mas sua prática ainda não havia se tornado uma doutrina.

“Que devo eu fazer?” O dever do analista é um dever de interpretação. E é também uma oportunidade para nós, pois a interpretação não é somente do psicanalista, já que a fala analisante faz igualmente

3 J. Lacan, Op. cit.

4 J. Lacan, *Seminário Livro 7 A Ética da Psicanálise*, RJ: Zahar, 2008, p. 152, lição de 27/01/1960.

5 Lacan, *Seminário Livro 17 O Averso da Psicanálise*, RJ: Zahar, 1992, p.11, lição de 26/11/1969.

6 J. Lacan, *Seminário, Livro 20 Mais ainda*, RJ: Zahar, 2008, p. 108, lição de 10/04/1973.

7 J. Lacan, *O Ato de Fundação*, in: *Outros Escritos*, RJ: Zahar, 2003, p. 238.

8 J. Lacan, *A Direção da Cura e os Princípios de seu Poder*, in: *Escritos*, RJ: Zahar, 1998, p 593.

9 J. Lacan, *Seminário Livro 24, L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*, intervenção de Alain Didier Weil, inédito, lição de 08/02/1977.

existir esse discurso opcional que depende os dois em questão. Prova esclarecedora: enquanto eu me interrogava sobre o uso da teoria ao longo de uma sessão, eu senti que estava falando demais – sinal de que eu já estava pensando. Uma analisante evocava a compulsão a fazer com que as coisas fossem mal e o conforto e desconforto da sua relação: “é confortável quando vai mal?”, disse eu, redução à posição tipicamente histérica. Ela imediatamente retificou: “Como é desconfortável quando é bom!” – dizendo assim o que a castração significava para ela.

Retomo a proposição de Lacan. Enquanto psicanalistas, não temos “nada de belo a dizer”, o que poderia ser uma maneira de exaltar as contradições, a fim de mediá-las. Todo valor teria igualmente essa função de objeto-finalidade, tendendo em direção à uma totalidade. Nossa maneira de “resolver as contradições” se situa na economia – como gestão dos recursos disponíveis – do significante, no clarão de suas equivocidades. Para encontrar uma outra ressonância, daquilo que padece do significante. É precisamente a propósito da economia – evocando a produção de bens – que Lacan conclui que teremos que instaurar “uma prática sem valor”. O que é tão precioso.